

17 SET 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

SÉRGIO AMAD COSTA

Há uma série de cenários sendo pintados por aí para mostrar as situações que ocorrerão na nossa economia, devido aos acontecimentos políticos. Mas, apesar de todos os prognósticos, verifica-se uma certeza: ninguém sabe, com exatidão, absolutamente nada sobre o que está por vir. Até mesmo John Kenneth Galbraith, importante economista da atualidade, reconhece que a qualificação mais comum dos prognosticadores econômicos não é o saber, mas sim o não saber que nada sabem.

É isso aí, pois, se os conhecimentos econômicos fossem de fato infalíveis, o sistema de mercado não sobreviveria. Os que tivessem as informações sobre o futuro, com exatidão, certamente monopolizariam a economia, em vez de passá-las ou vendê-las para os outros. Assim, o regime da iniciativa privada funciona justamente porque existem as incertezas, isto é, as possibilidades de erros e de acertos quanto ao seu futuro.

Entretanto, se sobre o futuro da economia ninguém sabe nada com precisão, há o conhecimento do passado e do presente que nos ajuda a pelo menos traçar defini-



ções de formas de agir, visando melhorar as condições para o futuro.

Portanto, vale recordar que o Brasil se industrializou mediante metas bem definidas. Nos anos 1955-60, instituiu-se o modelo de substituição de importações, com o surgimento de núcleos industriais e a formação de mão-de-obra graças a financiamentos públicos e externos.

Entre os anos 1961-63, o padrão de financiamento se esgotou. Como era ele o responsável pela infra-estrutura da base industrial, sua crise resultou em inflação, falências e concordatas. No período 1964-67, para a retomada do crescimento, foram feitas várias reformas (bancárias e administrativas). E, além de alguns investimentos industriais, houve a institucionalização da correção

monetária e a criação do sistema de crédito ao consumidor.

Os anos 1968-74 ficaram conhecidos por período do milagre brasileiro. Momento de grande crescimento. Com a estrutura industrial montada nos anos 50 mediante a reforma do sistema financeiro da década de 60, a indústria se desenvolveu sensivelmente.

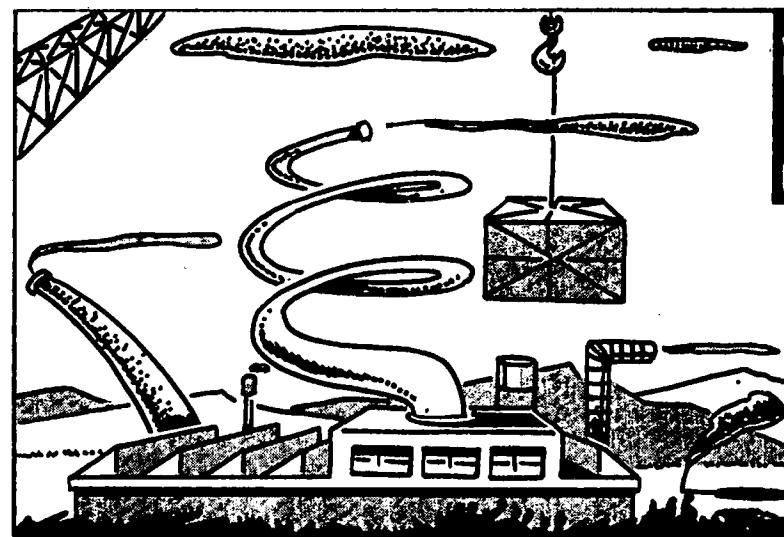
No período 1975-79, como efeito do crescimento do País nos anos anteriores, sentiu-se a falta de recursos básicos e da ampliação da infra-estrutura industrial. Preparou-se, assim, o 2º Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (PND), com o prosseguimento da economia estimulado pelo financiamento estrangeiro, que permitiu atualizar áreas básicas da indústria, como siderur-

gia e petroquímica.

Ingressamos nos anos 80 e, a partir daí, a economia parou. Momento em que veio a conta dos bancos credores estrangeiros. Começou, então, um período de ausência de definições para os rumos da Nação. E, por isso mesmo, estagnou-se a nossa industrialização.

Portanto, conhecemos bem o passado e, por isso, temos algumas certezas quanto ao presente. Uma delas é a de que precisamos de metas bem definidas para recuperar a nossa industrialização. A outra certeza é a de que a política tem atrapalhado, e muito, o desenvolvimento da economia. Assim, mesmo que tivéssemos rumos definidos, as coisas, na prática, aqui não aconteceriam. Tornam-se inviáveis, ora por culpa da politicagem que corre solta no Congresso, em Brasília, ora por culpa de envolvimento do presidente em grandes rolos palacianos.

O fato é que certezas sobre o presente todos nós temos. Mas, quanto ao que está por vir, apenas meras suposições. Há muitos prognosticadores, mas, no fundo, estão, como nós, por fora do que acontecerá com a economia nos próximos meses. Certo mesmo é que, quanto ao futuro, só Deus sabe.



■ Sérgio Amad Costa é professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FGV-SP.